

AUTONOMIA E ABORTO:**Desafios a partir da experiência de mulheres rurais e de periferias urbanas**

Esse texto sistematiza um processo de reflexão coletiva realizado pela SOF, com apoio do Inroads com o objetivo de compreender a maneira como o aborto tem sido visto e vivenciado por mulheres rurais e moradoras de periferias urbanas.

Vivemos no Brasil um momento de contraofensiva conservadora, marcado pelo golpe parlamentar-jurídico-midiático. A afirmação do direito ao aborto se torna ainda mais complexa nesse contexto. O golpe escancarou você suas motivações políticas e econômicas em propostas de modificação na Constituição. São exemplos disso a Emenda Constitucional 95/2016 (que impôs um regime de ajuste fiscal limitando o investimento social por 20 anos) e legislações como a reforma trabalhista. Por um lado, há a redução dos investimentos do Estado na garantia de direitos. Por outro, o aumento do controle do Estado sobre a vida da população, sobretudo nas periferias onde se concentra a população negra e trabalhadores/as precarizados/as. O acirramento do discurso reacionário, racista e patriarcal se combina com a banalização da violência e o controle militarizado dos territórios. Estes territórios convivem com o aumento da criminalização da luta social, do encarceramento da população negra e pobre, e dos ataques à vida de lutadores e lutadoras em todo o país. O empenho verificado em setores conservadores que atacam a autonomia e a vida das mulheres vem em crescente, e se expressa desde o fechamento de clínicas e criminalização de mulheres que realizaram o aborto até projetos de lei que pretendem ampliar as restrições do acesso ao aborto.

Ao mesmo tempo, com a ampliação do feminismo, a reivindicação do direito ao aborto tem encontrado mais ecos pelas vozes das mulheres que tomam as ruas afirmando a defesa da legalização em manifestações, pesquisas e publicações sobre o tema. O feminismo tem conseguido reagir massivamente contra os projetos de lei apresentados em âmbito federal, como a PEC 181 e o PL 5069, mas as mobilizações se concentram nas capitais e são eminentemente urbanas.

As representações sobre o aborto e as vozes que são amplificadas nesse debate organizam os argumentos e interferem nas estratégias políticas da luta pelo direito ao

aborto. Os números de pesquisas que mostram a magnitude do aborto no Brasil revelam a injustiça e desigualdade dessa realidade, já que são as mulheres negras e pobres que figuram nas estatísticas como as que mais enfrentam dificuldades para ter acesso a um aborto seguro, lidam com sequelas na saúde e com a morte. Ao mesmo tempo, a experiência das mulheres rurais tem tido pouco espaço nas discussões sobre o aborto.

Essa reflexão coletiva foi organizada com a intenção de localizar o referencial das discussões e estratégias em torno do aborto nos setores populares que compõem a base dos movimentos sociais. Seu ponto de partida é o diálogo com mulheres que vivem e atuam em comunidades rurais e periferias urbanas, buscando ampliar o debate sobre aborto e autonomia das mulheres e reunir elementos para subsidiar as análises e estratégias na luta pelo direito ao aborto no Brasil.

O texto está organizado em cinco partes. Na primeira, apresentamos a metodologia utilizada na elaboração. Em seguida, explicitamos nossos pontos de partida e as perspectivas utilizadas na discussão, a saber, autonomia das mulheres, as desigualdades e o estigma em torno ao aborto. A terceira parte apresenta a sistematização da reflexão realizada, destacando os relatos das mulheres em torno da sexualidade, da maternidade e do aborto em si. A quarta parte apresenta questões vinculadas ao modo como a questão do aborto aparece nas comunidades, ou seja, nos locais em que as mulheres participantes do estudo vivem, trabalham e militam. Por fim, recuperamos as avaliações das mulheres sobre a participação nessa discussão e destacamos algumas pistas e desafios para seguir na luta pela legalização do aborto.

I. METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO

Esse estudo foi realizado entre 2017 e início de 2018. Muitas pessoas participaram desse processo. Além da equipe da SOF, militantes feministas da Marcha

Mundial das Mulheres e colaboradoras da SOF contribuíram diretamente com esse processo¹.

Foram realizados cinco grupos, orientados pela metodologia de grupos focais, com um roteiro comum. As participantes foram convidadas a participar de um grupo sobre as questões relacionadas à saúde e à sexualidade das mulheres. O roteiro das discussões nos grupos foi organizado em dois blocos: o primeiro relacionado às questões mais gerais sobre sexualidade e maternidade, e o segundo mais específico sobre o aborto.

Os grupos foram compostos por mulheres que têm algum nível de participação em associações locais e relação com a Marcha Mundial das Mulheres. Em dois grupos de São Miguel do Gostoso (RN), as mulheres participantes eram de comunidades rurais. Em Mossoró, o grupo teve a participação de mulheres rurais e urbanas. Em Fortaleza e São Paulo, os grupos foram compostos por mulheres que vivem e atuam em bairros da periferia. Ao longo do texto, as referências a esses grupos serão feitas conforme a seguinte nomeação:

- ➔ Grupo de Mossoró. Realizado na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, esse grupo teve a participação de 10 mulheres de 03 municípios, entre mulheres urbanas e de comunidades rurais. As participantes atuam em associações locais de moradores e de agricultores familiares.
- ➔ Grupo da Tabua. Realizado na comunidade da Tabua, no município de São Miguel do Gostoso, no Rio Grande do Norte, esse grupo contou com a participação de 12 mulheres rurais. As participantes atuam em associações locais de produtores da agricultura familiar.
- ➔ Grupo do Arizona. Esse grupo foi realizado no assentamento Arizona, na zona rural do município de São Miguel do Gostoso (RN), e contou com a participação de 11 mulheres desse assentamento e do assentamento Paraíso. As mulheres atuam em associações de moradores e de produtores da agricultura familiar.

1 Entre elas, agradecemos a Maria Lucia da Silveira, Conceição Dantas e Marília Gabrielly Peixoto de Sousa, Katiane Barbosa, Risoneide Souza, Rute Ferreira que foram fundamentais para a preparação e realização dos grupos nas comunidades.

- ➔ Grupo de São Paulo. Realizado na cidade de São Paulo, esse grupo teve a participação de 07 mulheres, entre lideranças locais do movimento de mulheres e profissionais de saúde, que vivem e atuam no Capão Redondo e Campo Limpo, bairros da zona sul da cidade.
- ➔ Grupo de Fortaleza. O grupo realizado no bairro Álvaro Weyne na cidade de Fortaleza, no Ceará, teve a participação de 12 mulheres lideranças locais.

A característica comum a todas as mulheres é a atuação local nos setores populares. Além disso, o perfil das mulheres participantes foi diverso. Uma parte significativa das participantes tem filhos e, entre estas, havia mulheres rurais com idade acima de 50 anos, com mais de 10 filhos; outras, entre 40 e 50 anos, tiveram o primeiro filho antes dos 15, até com 11 anos; e mulheres mais jovens, entre 18 e 22 anos, que também eram mães. Também havia mulheres adultas sem filhos, mulheres casadas, solteiras, separadas, viúvas de relacionamentos heterossexuais. Em três grupos participaram mulheres que declararam ser lésbicas ou bissexuais. Cerca de metade das participantes são mulheres negras.

Um elemento comum em todos os grupos foi a diversidade geracional das participantes, o que rendeu trocas muito interessantes sobre as experiências e vivências, e sobre a percepção de como as questões apareciam antigamente e nos dias de hoje, com algumas mudanças e algumas continuidades que serão apresentadas ao longo do texto.

Após a realização dos grupos, organizamos uma oficina nacional² com a presença de representantes dos locais onde os grupos foram realizados e de mulheres que atuam desde diferentes esferas na luta pelo direito ao aborto – militantes feministas, profissionais de saúde, pesquisadoras, juristas. Essa oficina debateu os elementos levantados pelo estudo e sistematizados nesse texto.

II. AUTONOMIA DAS MULHERES, DESIGUALDADES E ESTIGMA

Sabemos que o aborto é parte da vida das mulheres e tomamos como ponto de partida para essa reflexão as vozes das mulheres, suas experiências e interpretações.

2 A oficina foi realizada em São Paulo, nos dias 5 e 6 de fevereiro e contou com a participação de 32 mulheres.

Compreendemos o aborto na perspectiva da autonomia das mulheres. Não se trata só de saúde ou só de criminalização.

O aborto – e as mulheres que abortam – são estigmatizados em nossa sociedade. O estigma é uma forma de rotular e marcar indivíduos e grupos sociais. Ele é produzido socialmente e envolve mecanismos de distinção entre as pessoas, com a atribuição de estereótipos negativos, que têm como consequência a desqualificação e discriminação social. A maneira pela qual compreendemos o estigma está diretamente conectada às relações sociais e a produção e reprodução das desigualdades em sociedades capitalistas, racistas e patriarcais. Afinal, o estigma é atribuído a práticas e pessoas que não se encaixam nas normas construídas socialmente, notadamente androcêntricas, ou seja, que tomam a experiência masculina como universal.

Pesquisadoras como Kumar et al (2009) afirmam que o estigma em torno ao aborto é um fenômeno social, construído e reproduzido localmente. O estigma é como uma marca negativa atribuída às mulheres que querem interromper a gravidez, de forma a inferiorizar essas mulheres por violar as noções hegemônicas de feminilidade. O estigma em relação ao aborto é expressão de um tempo e de um lugar: ele nem sempre existiu, e não foi sempre da forma como se apresenta atualmente.

Os significados do aborto mudam ao longo do tempo, e estão relacionados com outras dimensões da vida das mulheres, como a sexualidade e a maternidade, e com as expectativas do que é ser mulher em determinada sociedade.

A discussão sobre o estigma precisa ser articulada com a defesa feminista da autonomia das mulheres. Autonomia é o controle que as mulheres devem ter sobre suas próprias vidas, que envolve a tomada de decisões, as condições e direitos de coloca-las em prática. A autonomia das mulheres é afirmada muitas vezes contrariando as normas patriarcais da feminilidade, da heterossexualidade, da família e da maternidade compulsória. A desqualificação das mulheres que transgridem tais normas é uma constante. Por isso, compreendemos que o estigma em relação ao aborto está intrinsicamente ligado as relações sociais que estruturam as desigualdades, ou seja, às relações sociais de gênero, raça e classe que estão imbricadas no capitalismo racista e patriarcal.

A disputa em torno do aborto acontece em diferentes esferas da sociedade, e muitos atores se envolvem nela. O movimento feminista, em todo o mundo, é o principal ator social que defende o aborto como direito das mulheres, afirmando nessa defesa que as mulheres devem ter sua autonomia garantida. Essa é uma reivindicação direcionada à sociedade como um todo e à mudança na legislação, para que o aborto deixe de ser crime e seja considerado um direito. É também uma reivindicação que envolve a defesa da justiça social quando afirma que deve ser um direito garantido pela saúde pública, acessível e assegurado para todas as mulheres.

Setores de diferentes igrejas e denominações religiosas também se envolvem ativamente nessa disputa, organizando estratégias nacionais e internacionais contrárias ao aborto. Os discursos das igrejas sobre o aborto não são iguais, mas há elementos comuns. Um deles é a defesa da família vinculada à maternidade como altruísmo, sacrifício e destino das mulheres. Nos poderes legislativos, executivos e também no judiciário, o aborto é disputado. Ultimamente no Brasil há uma série de projetos de lei que visam restringir ainda mais o direito ao aborto e ampliar a criminalização³. Os meios de comunicação também atuam nessa disputa, espetacularizando histórias, acompanhando ações de criminalização ou, em menor medida, pautando o aborto a partir das experiências das mulheres, especialmente em veículos dirigido às mulheres e em momentos de ascensão dessa agenda pelo feminismo⁴.

A elaboração em torno ao estigma do aborto procura envolver esses diferentes níveis e esferas sociais. Assim, são consideradas cinco esferas: a da formação dos discursos e opinião pública, que envolve o papel nos meios de comunicação, dos grupos religiosos e de atores públicos na formação e propagação do estigma do aborto; a esfera legal, que envolve o conjunto de legislações e regulações em torno do aborto; a esfera institucional, relacionada com as políticas públicas e serviços de saúde, incluindo aqueles que realizam o aborto nos casos previstos em lei; a comunidade, onde o estigma se expressa em práticas mais próximas, como julgamentos e silêncios; e o nível

3 A Frente Nacional contra a criminalização das mulheres e pela legalização do aborto organizou um dossiê sobre essa questão, disponível em: <https://frentelegalizacaoaborto.files.wordpress.com/2016/09/dossiecc82-frente-contra-a-criminaizaccca7acc83o-das-mulheres.pdf>

4 Uma referência sobre essa reflexão se encontra no texto “As lutas pelo aborto ontem e hoje” de Nalu Faria e Bárbara Lopes, disponível no livro *Somos Todas Clandestinas* (2016).

individual, que se refere à introjeção do estigma – que é social – e que pode se manifestar em sentimentos de culpa, vergonha etc.

As esferas que interessaram diretamente nossa reflexão foram a da comunidade e a individual. Sabemos, entretanto, que todas elas se relacionam e estão interligadas. Como veremos adiante, por exemplo, as experiências das mulheres com relação à contracepção que interferem diretamente na sexualidade são marcadas pela presença dos serviços de saúde nas comunidades. Estes, por sua vez, ao mesmo tempo em que ampliam o acesso à informação e aos métodos, também enfrentam resistências em algumas comunidades, motivadas especialmente por discursos religiosos.

Ao mesmo tempo, é no âmbito local, das comunidades, que os processos de formação e organização das mulheres acontecem, e por isso é esse o espaço privilegiado para a nossa reflexão e para a construção das estratégias de luta pela autonomia das mulheres. Nos processos de formação feminista⁵, partimos das experiências das mulheres para refletir sobre as causas das questões vivenciadas pelo conjunto das mulheres, e é também nesse âmbito que são construídas lutas por mudanças locais e globais.

III. EXPERIÊNCIAS E VISÕES DAS MULHERES

SEXUALIDADE

As formas como se pensa e vive a sexualidade estão vinculadas às relações sociais. Na perspectiva da autonomia, a heteronormatividade é questionada e a vivência prazerosa da sexualidade é vinculada ao conhecimento do corpo, à liberdade dos desejos e a relações de igualdade.

Os relatos e reflexões nos grupos estiveram centrados em experiências heterossexuais, ainda que em três grupos tenham participado mulheres que se declararam lésbicas e/ou bissexuais.

5 “La formación como instrumento para la construcción de un abordaje antipatriarcal” de Nalu Faria, publicado em “En busca de la igualdad – textos para la acción feminista” (SOF, 2013), disponível em <http://www.sof.org.br/2014/02/20/en-busca-de-la-igualdad-textos-para-la-accion-feminista/>

Em todos os grupos, as mulheres relataram algum desconhecimento sobre o corpo, expressado especialmente na relação com a menstruação.

A experiência com a primeira menstruação para muitas participantes foi marcada pela falta de informações, que elas atribuem sobretudo à falta de diálogo com as mães. Algumas relataram que não sabiam o que fazer quando se depararam com o sangue da menstruação

“Eu não conversava com ninguém, a minha mãe, tanto é que eu menstruei e eu nem sabia o que era menstruação porque a minha mãe nunca havia falado”. Participante do grupo de São Paulo.

“Minha felicidade foi uma colega minha porque eu não sabia. Quando eu vi minha roupa estava toda suja, e eu aperreada, meu irmão dizia assim: diga logo que foi que buliu com você! e eu nem sabia o que era”. Participante do grupo da Tabua

A falta de diálogo com as mães também apareceu nos relatos das mulheres dos grupos da Tabua de Mossoró. Os relatos das mulheres revelam que as mães lidavam com a menstruação como um tabu, como uma situação ocultada todos os meses pelas mulheres.

“Eu nunca vi uma roupa da minha mãe suja de menstruação. foi um sofrimento pra mim porque eu não sabia me ajeitar, não sabia, eu me apavorei, tive medo na minha primeira vez de menstruação. porque a minha mãe tem isso como um tabu. Depois que eu já tinha menstruado que eu comecei a fazer as coisas em casa, mas as roupas dela ela não deixava eu lavar”. Participante do Grupo da Tabua.

Algumas mulheres relataram não saber o que fazer quando se depararam com o sangue da menstruação e a vergonha também foi um sentimento presente. É interessante notar que os relatos estiveram mais centrados nos desconhecimentos e nas experiências iniciais com a menstruação do que em relatos de incômodos e desconfortos mais permanentes com o sangue e a menstruação.

“Quando eu menstruei a primeira vez eu chorei muito porque eu gostava muito de brincar, uma ingenuidade muito grande. E a vergonha que eu tive pra dizer a minha mãe que eu tinha menstruado”. Participante do Grupo de Mossoró.

A primeira menstruação aparece como um marco na vida das mulheres, a partir do qual passaram a ter mais responsabilidades, sobretudo com o trabalho doméstico em suas casas, deixando a fase da infância para trás.

O julgamento e desqualificação das mulheres apareceram em muitos dos relatos sobre as experiências com a sexualidade. Segundo elas, isso motivava o controle dos pais sobre sua vida sexual. Os relatos destacam a determinação de que as mulheres deveriam ficar apenas com uma pessoa, o que se relaciona com a imposição do casamento como destino e com a dupla moral.

“Na minha época, quando uma mulher tinha a 'sensação do iogurte’⁶, aquilo ali era um desespero para os pais. as pessoas já consideravam ela uma prostituta, e aquilo pra nós era um trauma. A gente só escolhia aquela pessoa... porque provou, tinha que ficar até o fim da vida mesmo. Então a gente tinha que se entregar para a pessoa que a gente sabia que ia assumir a gente. Era muito difícil a gente sair disso aí. A gente tinha que se aguentar, por mais que tivesse vontade, mas não era fácil não. Se o pai da gente descobrisse que a gente já tinha

6 Iogurte foi a palavra utilizada pelas mulheres do grupo do Arizona para se referir às relações sexuais. Elas não utilizaram a palavra sexo, por exemplo.

perdido a honra, como dizia naquele tempo, o pai já botava pra fora”. Participante do Grupo do Arizona

“E assim, quando eu passei a ter a minha primeira relação foi por raiva, não foi porque eu gostava da pessoa, nem nada. Porque assim, minha mãe sempre foi desse jeito: você não pode fazer tal coisa porque o vizinho ou a vizinha vai falar”. Participante do Grupo de São Paulo.

“E mamãe também dizia: 'se transar com menino, vai ficar falada. Ainda mais eu que sou sozinha pra criar vocês...' ela dizia; 'minha filha todo mundo vai chamar você logo de rapariga’”. Participante do Grupo de Mossoró.

“(...)Tinha curiosidade entre as amigas, mas todas muito inocentes. Aí eu me lembrei que minhas amigas diziam assim 'Olha, vocês podem namorar mas vocês não deem'. Porque na minha época não era nem questão de engravidar. Aqui no nordeste a gente chama bulir. Se a menina transasse pela primeira vez, diziam que o rapaz tinha bulido a menina. Então se engravidar tanto faz, ficava feio para menina se ela fosse bulida, e daí os homens não queriam mais”. Participante do Grupo de Mossoró.

A diferença geracional influencia nas percepções sobre as vivências que as mulheres têm hoje sobre a sexualidade. Por um lado, as mulheres adultas e mais velhas avaliam que hoje as mulheres têm mais liberdade, especialmente se referindo às mulheres que se divorciam. Por outro, as mais jovens também relatam que persiste o julgamento e a preocupação com “*ficar falada*”, e a dificuldade de falar sobre essas questões na família.

“Naquele tempo o mundo era fechado pra gente. Hoje o mundo é aberto. Hoje a mulher tem suas paqueras, não tá nem aí”.

Participante do Grupo do Arizona.

“Hoje isso [ficar falada] acabou, mas existe ainda o preconceito se você fala sobre homossexualidade”.

Participante do Grupo de Mossoró.

“Hoje quando elas não estão satisfeitas, elas se separam. Arranjam outros relacionamentos. Acredito que sim, mudou. Ainda existe muito abuso, é porque as coisas vão mudando lentamente. A mulher separada antigamente ela não podia se relacionar com outros homens, senão era vista como rapariga, prostituta. Hoje não, separou, pode ter outras relações que quiser, de forma aberta ou não, sem ser tão mal vista como antes”. Participante do Grupo de Mossoró.

“Mas ainda hoje em dia tem pai assim. Eu vou pela minha mãe. Quando a gente tá conversando e fala dessas coisas na frente dela, ela diz ‘menina, você não tem vergonha de falar isso, não respeita nem seus pais?’, então ainda existem pais assim”. Participante jovem do grupo do Arizona

“Se eu ficar com um menino hoje e sentir vontade de ficar com outro amanhã eu já vou estar falada. Mas eu tenho que ficar só com aquele menino? Aí o menino pode, sabe? Pode até ficar com outra no mesmo dia, sem nenhum problema. E quem mais fala somos nós, mulheres. E a gente não entende isso, né?”

Participante jovem do grupo da Tabua.

A interação entre as participantes sobre o julgamento social em torno das práticas sexuais das mulheres, e também sobre as dificuldades de diálogo com as mães proporcionou reflexões interessantes, assim como permitiu que algumas das participantes compartilhassem suas próprias dificuldades. Isso aconteceu especialmente entre as que já são mães: algumas relataram dificuldade de conversar com as filhas sobre essas questões, enquanto outras contaram que têm maior abertura com relação às questões da sexualidade, da menstruação e também da prevenção.

Ao falar sobre sexualidade, algumas mulheres destacaram gostar de sua vida sexual ativa, com prazer e capacidade de decidir quando querem transar com o marido: “*não é só no tempo dele, não*”. Algumas mais jovens relataram a busca por ter várias experiências, a curiosidade e a compreensão de que “*transar não é pecado*”. Outras, na faixa etária dos 30 anos, se questionam se estão satisfeitas com o marido, por não terem tido outras experiências.

Os relatos de experiências mais concretas foram feitos pelas mulheres mais jovens, sendo que as mais velhas tiveram mais curiosidade de saber sobre essas experiências, e relataram menos as suas, assim como não falaram sobre prazer. Uma jovem contou que já teve experiência de ficar com outra mulher, o que despertou a curiosidade das outras participantes em saber se ela gostou mais de ficar com a mulher ou com homens. Essas avaliações estiveram relacionadas com aprendizagens ao longo das experiências.

“Era uma coisa escondido. Eu não sabia como era, não tinha orientação. fui pegando experiência depois né?” Participante do Grupo da Tabua.

“Gente, assim, se eu for dividir uma coisa com vocês, eu fui ter meu primeiro orgasmo recentemente, eu fui me permitir, assim, eu estou falando de uma coisa ridícula, né?” Participante do Grupo de São Paulo.

Durante os grupos, os homens apareceram mais nos relatos durante a discussão sobre sexualidade. Algumas apontaram as desigualdades nas relações, outras indicaram experiências de relações baseadas em diálogo e respeito. A presença dos homens esteve mais evidente quando abordaram questões relacionadas à prevenção.

“Mas é muito difícil, porque você tem uma relação de confiança, mas você não sabe o que de fato a pessoa faz. E muitos, quando têm relação fora do casamento, eles não se previnem. Tanto que tem muita mulher casada que tem DST que vem dos maridos né? E muitas ainda são condenadas, como se elas tivessem chifrando os maridos. E às vezes até o próprio fala isso também, querendo se safar”. Participante do Grupo de Mossoró.

“E outra coisa, quando tudo é planejado, o homem mais a mulher, é muito difícil pegar um filho sem querer. Porque tá todo mundo alerta, tanto um como o outro. Vamos se cuidar para não pegar. Agora, quando nada se planeja, se você não se cuidar, por ele, já era”. Participante do Grupo da Tabua.

“Até a juventude, tem uma cobrança maior de nós mulheres. Ah, a gente é que tem que se prevenir, tem porque quer. E o que será que o outro que tá com a gente tá fazendo pra que se previna junto? Será que só eu mesmo? Eu quero usar preservativo, mas a pessoa que eu tô se recusa, aí muitas vezes também fala 'ah, você não me ama' e a menina acaba transando com ele sem”. Participante do Grupo do Arizona.

Com relação à prevenção, as falas reconhecem mudanças entre as gerações. Para algumas, a prevenção nunca foi uma realidade. Outras aprenderam a fazer a tabelinha, que funcionou durante um tempo, mas mesmo assim engravidaram. As mais jovens

afirmaram usar camisinha com mais frequência, mas não sempre. Algumas disseram não gostar do barulho que faz, e do fato de que com “*camisinha não tem gosto*”. O uso de chás também apareceu nas falas sobre prevenção nos grupos compostos por mulheres rurais. Da mesma forma que este uso se relacionava com a prevenção, se relacionava com o aborto, conforme relata essa participante, demonstrando sua preocupação com evitar uma gravidez indesejada, para si e para os filhos:

“Eu tomava uma tal de macela, um monte de sementezinha, não esqueço nunca. Acho que o nome dos meus filhos era pra ser macela e macelo, porque eu tomava de mão cheia, mandava comprar no domingo, e tomava aquele monte de macela pra não pegar. Tomava água de sal porque dizia que era bom tomar quando terminasse de transar, que evita. Tomei tanta água de sal e macela... eu vim tomar remédio depois do terceiro filho que eu tive. Macela toma antes de transar, água de sal era depois. E quando falta [a menstruação], as mais velhas diziam assim: ‘faz um chazinho de casca de coco com não sei o quê, café com limão’, ai, que coisa ruim, pra não ficar cheia de menino. E fiz muito, não vou dizer que não fiz, não. Muito mesmo. Uma vez, com limão, café e sal em jejum, quase morri. Mas hoje eu já digo pros meus filhos, ‘eu não quero vocês casados logo cedo não, pra não passar o que eu passei’. porque eu casei muito nova”. Participante do Grupo da Tabua

A pílula anticoncepcional foi mencionada por várias, incluindo as mais velhas, que tiveram acesso à pílula distribuída pelo Programa Saúde da Família. A avaliação das mulheres é de que, atualmente, a informação sobre os métodos anticoncepcionais está mais acessível, assim como também a distribuição dos métodos nas unidades de saúde (foram mencionadas especialmente a camisinha e a pílula). Essa avaliação veio junto com afirmações como “*hoje só engravida quem quer*”. Ao mesmo tempo, muitas

respondem que os homens ainda resistem em usar preservativo e que a responsabilidade é da mulher.

“Começam a vida sexual muito cedo e elas não têm vontade de ter filho, não querem ser mães, aí falta informação. As mães não ensinam a prevenção”. Participante do Grupo de Fortaleza.

“Hoje todo mundo sabe como prevenir. Os professores falam. Hoje engravida quem quer”. Participante do Grupo da Tabua.

“Mas hoje não precisa de professor explicar na sala de aula, não. Hoje tem mais gente com conhecimento, nem precisa do professor passar. E tem preservativo gratuito que no posto dá. No tempo da gente era muito difícil. As mães não sabiam de muitas coisas. Hoje não, até o cartão de vacina que adolescente tem ensina isso. Hoje, cai no erro assim, porque às vezes acontece um acidente, né? E outra coisa, não é toda adolescente que pensa muito. Será que eu vou fazer aquilo, será que eu vou pegar?” Participante do Grupo da Tabua.

Perspectivas críticas à responsabilização das mulheres pela gravidez indesejada apareceram desde diferentes ângulos, envolvendo a responsabilidade dos homens, a crítica à culpabilização das mulheres e ao fato de que, muitas vezes, adolescentes são julgadas como adultas.

“Eu acho que com o avanço dos métodos contraceptivos, aumentou a culpa quando as meninas engravidam pra elas. Antes como não tinha, podia ser mais dividido porque obrigava a casar. Hoje não, hoje tem muitos métodos, engravidou porque quis. A mulher é mais responsável ainda. E mais penalizada ainda nesse aspecto de ter engravidado.” Participante do grupo de Mossoró.

“Todos os caras que eu relacionei não queriam usar [camisinha], todos. Não teve um que topou.” Jovem do grupo de São Paulo.

“Às vezes a gente fala assim: essa menina tão grande, já pensa. E não pensa, é uma criança com 13 anos. Porque eu passei por isso. Eu não tinha aquela pessoa que me desse conselho. Meu pai nunca foi de liberar a gente e nem de conversar. Quando eu namorava escondido, sempre tinha uma pessoa que dizia: mulher, casa logo porque pelo menos tu não fica sofrendo. Então com 13 anos eu fugi Tive minha primeira filha com 14 anos, porque eu era uma criança ainda. A minha vida de adolescente foi cuidando de criança, com 15 anos eu tive outro filho”. Participante do grupo da Tabua

Entre as que atuam na área da saúde, porém, foi levantado questionamento sobre a abordagem utilizada no trabalho sobre sexualidade e prevenção.

“A forma que as pessoas hoje da saúde falam pra adolescente é muito complicado, porque eu acho que se eu fosse adolescente, eu não ia lembrar nada daquilo. Porque você tem que falar 'olha, é legal mesmo, é gostoso'”. Participante do grupo de São Paulo.

É interessante ressaltar que a discussão sobre a prevenção teve como foco principal as adolescentes, se afastando das experiências das mulheres dos grupos – tanto individuais quanto de sua faixa etária. Na maioria dos grupos, essa discussão esteve relacionada com a preocupação com a gravidez entre as adolescentes que é uma realidade naquelas comunidades, acompanhando os dados obre a realidade brasileira,

em que cerca de 18% das mulheres que levam a cabo a gravidez tem até 19 anos⁷. Esse percentual é maior nas áreas rurais e periferias urbanas.

De forma geral, as reflexões das participantes sobre as vivências sexuais das mulheres nas comunidades foram diversas, mas com elementos comuns. Muitas vezes os temas da sexualidade são abordados de forma fragmentada, o que indica a necessidade de ampliação de uma discussão mais articulada e global na perspectiva do feminismo. A ampliação do acesso aos métodos anticoncepcionais entre essas mulheres e nas comunidades tem como foco a pílula, e não está relacionada com espaços de discussão mais abertos sobre a sexualidade, envolvendo trocas de experiências e também os entraves para uma vivência prazerosa. Foi comum nos grupos a percepção de que há uma dupla moral e de que as expectativas sobre as experiências sexuais são distintas para mulheres e homens. Além disso, em que pese às diferenças significativas que marcam as experiências das mais jovens relatadas nos grupos, o julgamento das comunidades sobre a vida sexual das meninas foi onipresente, tanto entre as mais velhas como entre as mais jovens. Esse é um aspecto que marca o estigma sobre o aborto e sobre as mulheres que abortam.

MATERNIDADE

As reflexões e discussões nos grupos sobre a maternidade foram muito relacionadas com as experiências e vivências das participantes. Os relatos foram marcados por uma diversidade de expectativas e sentimentos com a maternidade, envolvendo a decisão e os desejos de ter ou não filhos. Em todos os grupos houve mulheres que relataram muita dificuldade e sofrimento em “aceitar” a maternidade em suas vidas.

Com relação a essa primeira questão, envolvendo o desejo ou não de ser mãe, algumas afirmaram que sempre tiveram essa vontade, outras que não se viam como mães “de jeito nenhum”. Entre elas, porém, a maternidade se tornou uma realidade, e a forma de lidar com isso esteve marcada por sofrimentos e aprendizados.

7 Dados do Ministério da Saúde (2015), disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/gravidez-precoce-ainda-e-alta-mostram-dados>

“Eu não pensava não, a maternidade não foi algo como tem pessoas que dizem ter o desejo de ser mãe, o sonho de ser mãe. isso nunca passou na minha cabeça. e quando veio foi muito difícil, quase eu entrei em depressão” Participante do grupo do Arizona.

“Eu graças a deus sempre quis muito meus filhos”.
Participante do grupo da Tabua

“Eu casei muito nova (...) quando eu ia fazer 15 anos. E eu tinha muita vontade de ter um filho. Só que eu não tinha facilidade, eu vim ter filho com 18 anos. Mas hoje também eu penso diferente⁸. Eu acho também que muita coisa na nossa vida é pra gente aprender. Hoje eu não quero ter mais filho porque é uma responsabilidade muito grande, e outra, tudo na sua vida que você for fazer, você tem que pensar primeiro nele. Hoje eu passo a semana longe da minha filha, não é porque eu queira, mas é porque eu tenho que trabalhar pra sustentar ela”. Participante do grupo de Mossoró

“Não tinha em mente ser mãe, sabia que dava muito trabalho, cuidou dos irmãos. Engravidei aos 20 anos, não aceitei, tentei abortar, tomei oito cytotec, coloquei oito tomei, acho que eram falsos, tomei chás, mas não abortei, sofri muito e até hoje não aceito a minha filha, não tenho vínculos com ela, mas veio com saúde e criei até os seis anos aos trancos e barrancos, deixava a criança trancada, deu até polícia. Depois quem assumiu foram meus pais, quem cria são os avós. Eu achava que o meu corpo não aguentaria uma gravidez. não queria parar a vida, queria sair, curtir.” Participante do grupo de Fortaleza.

8 Essa participante tinha 22 anos quando o grupo foi realizado.

Ao longo das discussões, a experiência de ter filhos sem planejamento foi sendo relacionada com a questão da prevenção, da falta de conhecimento sobre como funciona o corpo e a gravidez, sobre as pressões para ter filho, sobre o medo de interromper a gravidez, sobre ser a vontade de deus, e também relacionado com relações violentas.

Em alguns casos, a definição de não ter filho esteve relacionada com saber a quantidade de trabalho que isso significava, em diferentes momentos da vida. Algumas por ter acompanhado a quantidade de trabalho das mães na criação dos filhos, e por ter ajudado bastante nesse trabalho. Outras por experiência própria, pois tiveram os primeiros filhos cedo (12, 15 anos) e depois relataram ter decidido não querer mais filhos em decorrência da quantidade de responsabilidade que tiveram.

“Eu nunca senti vontade, nunca desejei. Pelo contrário, eu tinha medo de casar, porque eu via a vida que minha mãe tinha em casa, de tanto menino, de tanto fazer coisa e eu não queria aquilo pra mim, de ter uma casa e ter que varrer, fazer coisa pro marido, tudo pro marido. Então meu foco era estudar. Então nunca senti desejo de ser mãe. e até hoje não sei que sensação é essa de querer ser mãe”. Participante do grupo do Arizona

“Eu nem queria, pra ser sincera, porque eu comecei a cuidar de criança com 12 anos, e eu vi que dava muito trabalho, chorava de noite, dá despesa... trabalho demais, atrapalha o sono... aí quando chegou a época de eu ter eu não queria”. Participante do grupo de Fortaleza.

“Na minha adolescência eu tinha medo de ter filhos, porque eu via minha mãe trabalhava tanto e sofria muito pra criar a gente. Porque meu pai faleceu eu tinha 10 anos, e a gente passou muita dificuldade. E eu pensava 'eu não vou ter filho

pra viver essa vida que mamãe vive pra criar a gente...'. Eu achava que sozinha era bem melhor. E eu não pensava nessa hipótese de ter filho". Participante do grupo de Mossoró

Esses relatos explicitam a divisão sexual do trabalho como estruturante das experiências das mulheres, e das relações sociais de gênero. A visão sobre a maternidade, nesses casos, estava muito vinculada com a compreensão da quantidade de trabalho doméstico e de cuidado e da responsabilidade que isso implica para as mulheres. Além disso, algumas relataram que os planos que faziam para a vida envolviam primeiro trabalho e estudo, e o fato de terem engravidado atrapalhou esses planos. Frente a colocações desse tipo, outras afirmaram que casar e ter filhos é algo que sempre esteve no horizonte, e associavam isso com liberdade de sair do controle dos pais. É importante ressaltar que, em poucos casos, o relato sobre a maternidade envolveu conversas e planejamentos com os companheiros. A presença de deus nas falas sobre os filhos foi uma constante, apareceu em todos os grupos.

"eu logo que comecei a namorar com o companheiro que eu vivo, sempre que eu saía, e chegava em casa minha mãe dizia: você não é virgem mais. e eu sendo, né? por isso que hoje eu sou junta. eu não tinha liberdade, e daí eu tive minha filha muito cedo, e eu não planejava ter minha filha. mas deus colocou". Participante do grupo da Tabua.

Das que tiveram filhos sem planejamento, a maioria afirmou não se arrepender, apesar de que algumas relataram muito sofrimento e rechaço em todo o período da gravidez, sendo que uma participante cuja gravidez foi resultado de uma violência – cometida pelo homem com que tinha relação – relatou que depois do nascimento teve durante muito tempo medo da criança.

As experiências relatadas nos grupos permitem ampliar a reflexão sobre a construção de afeto e amor entre mãe e filhos. O afeto não é automático, nem durante a gravidez, e nem depois do nascimento dos filhos. Não é uma determinação natural ou uma essência feminina, mas uma construção social. Para uma das participantes, se ver

como mãe e ter esse tipo de sentimento só foi uma realidade depois do segundo filho. Segundo ela, isso aconteceu depois que “aceitaram” a maternidade e o papel de esposa. A relação com a maternidade, em muitos dos casos, esteve vinculada com a família e o com as responsabilidades com o trabalho doméstico e de cuidado. No caso de uma das participantes, após a criança ter completado 6 anos, ela deixou com os pais porque não se estabeleceu nenhum vínculo.

“Eu não me via como mãe. comecei a trabalhar aos 14 anos de idade, meu negócio era trabalhar e encher o guarda roupa, com sapatos, batons, tudo mais. Então quando me apaixonei, casei, também não pensava em ser mãe, eu trabalhava, trabalhava, trabalhava... quando engravidei, eu só vim descobrir que estava grávida com quatro meses, então foi um choque. E eu não aceitava, eu não me via grávida, eu não queria aquilo ali para mim. Só que daí, com o tempo, quando vai crescendo... tudo bem, eu tive minhas filhas. Mas durante muito tempo foi muito difícil eu aceitar que eu era mãe. Eu acho que eu só vim cair a ficha na minha segunda filha, eu não gostava de ser mãe, gente, eu achava estranho aquilo ali”.
Participante do grupo de Fortaleza.

“A minha criação era dentro de casa, ajudando minha mãe a criar os filhos. Quando eu me casei, desejei logo um filho, pronto. Diferente dela aí, que no primeiro dia de gestação eu já amava o meu, quase igual quando ele nasceu. O meu foi assim, a gente pensa na roupinha...” Participante do grupo do Arizona.

A diversidade dos relatos ilumina a dimensão da construção social da maternidade – das vontades de ser mãe e dos sentimentos produzidos nessa relação. As práticas concretas e a vida material, a experiência com o trabalho, a socialização de gênero e as relações familiares estão entre os fatores que influenciam nessa construção.

“Porque eu brincava de tudo, menos de boneca, menos de casinha. Verdade. E de repente eu me vi, num casamento, super novinha. Casei com 20, minha filha nasceu eu tinha 22. Então foi algo bem assim que eu fiquei super descontente inicialmente. Eu amo meus filhos e todo mundo sabe, mas não foi nada planejado, pelo menos dois não foram planejados, né? E aí, eu me vejo assim, nessa maternidade louca, né? Que é a cada dia uma surpresa, eu sou uma pessoa que... acho que agora menos, mas eu culpava o tempo inteiro de tal coisa, é, mas eu também vou vivendo assim, um dia por vez, e vou aprendendo com eles, são fases de vida. As idades são diferentes, então imagina a loucura que é”. Participante do grupo de São Paulo

“Não foi planejado, não foi um sonho. Eu acho que a ideia da mulher tem tudo isso, a gente cresce com um senso comum talvez em que a mulher, a partir do momento em que engravida, ela já é mãe. O que ela não é.” Participante do grupo de São Paulo.

Essa relação estabelecida entre as representações que se tem sobre a maternidade e a experiência real abre possibilidades para ampliar as nossas reflexões feministas sobre o tema. Muitas das representações estão vinculadas a experiências idealizadas de mulheres de determinada classe, envolve o enxoval, enfeites, e também todo um mercado que se cria em torno dessa experiência. Tem sido corrente em espaços de debates e troca de experiências de mulheres mães – sobretudo na classe média e pela internet - essa reflexão sobre as representações idealizadas e a “maternidade real”, envolvendo os conflitos, sentimentos contraditórios, entre outros. Os relatos de participantes dos grupos ampliam essa discussão e lança luz para uma diversidade de experiências, práticas e contradições que envolvem a maternidade.

“Eu sempre quis ter filhos, sempre, sempre. Na adolescência toda eu sempre fui muito ligada aos meus priminhos e tudo, eu gosto muito de criança. E vendo a relação que eu tenho com a minha mãe, eu tenho muita vontade de ter uma relação assim com alguém também. Mas eu não decidi ainda se eu quero engravidar, ou se eu quero adotar. Porque eu não tenho a menor vontade de ficar com barriga, de essa coisa toda que falam que é lindo. Nunca achei lindo. Então eu estou aí numa luta assim, pra decidir o que é que eu vou querer, mas vai ser daqui uns quatro anos” Participante do grupo de São Paulo.

“Pra mim era muito forte, nós como mulheres a gente deseja isso muito, ser mãe, pra mim particularmente foi a melhor coisa do mundo quando eu pari meus filhos”. Participante do grupo de Fortaleza.

Em todos os grupos apareceram relatos e percepções sobre as pressões – especialmente familiares – em torno da exigência da maternidade para as mulheres. Em alguns casos, as pressões da família foram muito diretas.

“Não tinha essa opção se queria ou não ser mãe; O povo mais velho dizia: ‘tem que ser mãe, tem que multiplicar, tem que casar cedo’. Mas também tinha muita gravidez na adolescência, minha mãe foi mãe com 16 anos. Parecia uma caixinha já montada, sempre tem que se mãe, sempre”. Participante do grupo de Fortaleza.

Quase na totalidade das vezes a questão da maternidade aparecia junto com a composição de família e o casamento. No caso das mais velhas, a exigência do casamento aparecia quando engravidavam. No caso das mais jovens, essa pressão esteve mais ligada aos comentários de que ser mãe solteira significa ser “falada” e “apontada

na comunidade”. Ao mesmo tempo, as experiências e visões das mulheres questionam a heteronormatividade e os vínculos da sexualidade com a reprodução.

“As mães falavam assim: completava 16, 17 e já falava de marido. E quando a gente brincava as meninas diziam 'quando a gente tiver um marido, a gente vai ficar livre'. E isso ia fluindo muito. Mas comigo não foi assim. Eu realmente tinha minha sexualidade ativa e tudo, quando vim ter um filho já estava com meus 28 anos, porque eu queria ter um filho, eu. Vivi pouco tempo com um cara e tive o filho. E daí saí de fininho porque eu não queria, não queria ele. E eu... é... abertamente, eu sou lésbica”. Participante do grupo de Mossoró

“E é interessante que elas duas são hétero e nunca quiseram ter filhos, já eu não sou, mas quero”. Participante do grupo de Mossoró.

Ressaltamos, ainda, que na maioria das experiências apareceu com centralidade o apoio da sogra ou da mãe na criação dos filhos, em poucos casos mencionaram o apoio do companheiro.

As interações em torno das experiências positivas e negativas com a maternidade foram interessantes nos grupos, sendo que os relatos surpreenderam muitas das participantes: *“engraçado, a gente acha que essa história a gente só vê na televisão”.*

ABORTO

A questão do aborto foi introduzida buscando identificar se as participantes conheciam alguém que tinha interrompido a gravidez, relatando como foi, como é atualmente. Isso foi motivado pela percepção é que o nome que se dá – bem como o

método utilizado – pode fazer diferença na representação sobre o aborto, bem como na experiência vivida. Entretanto, em alguns casos, as mulheres já começaram a falar sobre o aborto antes das questões mais diretas desse bloco. E, em todos os grupos, as mulheres falaram livremente sobre o aborto, usando esse nome em geral, ainda que em alguns relatos estivesse presente a expressão “*para descer*”.

Apenas em um relato, a participante fez uma diferenciação explícita entendendo a diferença entre tomar um chá para descer e fazer um aborto, relacionando com a própria experiência, da qual se arrepende.

“É falta de responsabilidade, porque um filho não tem nada a ver, a gente fez. Acho que toma um chá pra descer não tem problema, é até comum. Acho que foi a pior coisa que já fiz na vida, tudo eu faria novamente, menos isso”. Participante do grupo do Ceará

A Pesquisa Nacional sobre Aborto realizada em 2016 apontou que quase uma a cada cinco mulheres (1 para 5,4) aos 40 anos já realizou pelo menos um aborto (Diniz, 2017). A amostra dessa pesquisa inclui pequenos municípios, mas cobre apenas a área urbana do país. Nosso estudo não teve como objetivo quantificar o aborto, e sim apreender elementos sobre as experiências das mulheres, os sentimentos envolvidos, as interpretações e representações que elas têm sobre o aborto. Em todos os grupos havia mulheres que contaram de suas próprias experiências, bastante diversas entre si. Algumas tiveram experiências bem sucedidas, onde encontraram apoio, informação sobre o remédio, ou conheciam as receitas de chás; mas também experiências mal sucedidas, quando não encontraram o remédio, ou quando tentaram mas não conseguiram concluir o aborto e levaram adiante a gravidez. Estiveram menos presentes as experiências em que as mulheres que fizeram o aborto mas passaram muito mal, ficaram internadas e com sequelas na saúde.

A maioria dos relatos incluiu a situação da relação estabelecida com o parceiro de quem engravidou.

“E aí, eu tive um relacionamento, que eu considero um relacionamento assim abusivo, esse relacionamento que gerou

essa criança, engravidei porque eu quis fazer sem camisinha para agradar... E assim, eu quis fazer isso, e aí era um relacionamento ruim. E aí quando eu engravidei, eu não me vi no papel de mãe, e aí também ele em nenhum momento quis bancar isso junto”. Participante do grupo de São Paulo

“Eu pratiquei um aborto. Eu tinha três filhos, me separei, um ano depois comecei um relacionamento com um rapaz, só que eu queria um relacionamento, mas não queria coisa séria. E ele queria sério. Acabei fazendo a besteira e fiquei grávida. Aí eu pratiquei o aborto. Tomei remédio, estava com uns dois meses e pouco. Depois, com muito tempo, eu senti arrependida por ter feito, mas hoje eu não me sinto mais não. Mas por um bom tempo eu fiquei pela aquela questão... eu sou católica, praticante, e a igreja cobra muito”. Participante do grupo de Mossoró

“Na época eu comecei a namorar com essa pessoa que hoje é meu esposo. Ele era muito religioso, de uma família católica praticante, movimento de igreja mesmo. E foi muito difícil por conta disso, da questão religiosa. Na época, eu tive ajuda de algumas amigas. A gente conseguiu os remédios, e estava muito recente um mês... Com 11 dias do atraso eu fiz, sem muitas dificuldades. Mas a questão psicológica é muito difícil”. Participante do grupo de Mossoró

No grupo de Mossoró, em que alguns relatos envolveram algum nível de arrependimento – superado pelas mulheres, as participantes o relacionaram com a questão religiosa. No grupo de Fortaleza o arrependimento e a culpa apareceram com força em um dos relatos, nos demais o tema da culpa, e sofrimentos vieram a partir de relatos de outras mulheres que abortaram e se arrependeram. No entanto uma das participantes de meia idade afirmou ter tentando abortar nas três gestações e que mesmo

não conseguindo não se dizia arrependida. Por sua vez, no grupo de São Paulo, apareceu a preocupação com a dimensão psicológica, mas vinculada a falta de apoio e amparo pela saúde. Essa preocupação foi mais exterior, envolvendo as representações do aborto, e menos vinculada com a experiência própria das participantes.

Mesmo com esses matizes, vale ressaltar que as mulheres que relataram ter trabalhado a questão do arrependimento, afirmaram que atualmente esse não é o sentimento que predomina. Os elementos que aparecem na superação da culpa e do arrependimento são diversos, desde a participação no movimento, passando por ter compartilhado a experiência posteriormente com o companheiro ou por ter parado de sentir arrependimento depois de ter tido outro filho. Entre as participantes do grupo de Fortaleza, porém, a dimensão do arrependimento continua figurando com força nos relatos.

Ao mesmo tempo, uma participante também questionou o fato de que as mulheres sempre são culpadas por algo, não só pelo aborto, conforme ela reflete a partir de sua própria reflexão sobre sua experiência com a maternidade:

“Então quer dizer, se você aborta, você é culpada, se sente culpada, e se você tem você também se sente culpada, porque você todo dia falta alguma coisa todo dia, entendeu? Então não tem um dia que eu não me culpo de alguma coisa que está faltando, de alguma coisa que eu posso fazer” Participante do grupo de São Paulo

Algumas experiências compartilhadas tiveram acompanhamento e apoio de pessoas próximas da família, de confiança das mulheres.

“Eu presenciei minha irmã que fez, mas minha mãe apoiou. Foi logo no início que ela perdeu a virgindade e ela engravidou. E ela não queria o cara, e disse que não queria filho porque não sei o quê, e a gente ficou muito do lado dela, e

ela fez. Ela tinha uns 16 anos mais ou menos. E fez com remédio". Participante do grupo de Mossoró

"Minha avó fez alguns abortos quando era jovem, e ela dizia pra mim 'se você não quiser, não tenha, não'. Ela tinha 84 anos e ajudava as netas a abortar. Ela dizia: 'Se você não quiser, se você não puder, tenha não. Se você vai botar gente no mundo pra sofrer, não tenha não. Realize o aborto. Se você faz aborto não é filho, filho é o que nasce'. Ela ajudou as netas e as bisnetas. Eram casos que os parceiros abandonavam. Ela dizia: 'Não quero ver ninguém sofrendo'. Fui apresentada a decidir sobre o corpo com minha vó". Participante do grupo de Fortaleza.

Apenas nos grupos de São Paulo e Fortaleza as mulheres relataram conhecer clínicas que realizam abortos, mas apenas uma relatou a história de uma amiga próxima que realizou o aborto em clínica, em sua situação particular.

"Em Fortaleza tem clínica sim que faz aborto por 1500 reais, a gente sabe e conhece gente que fez. As mulheres que namoram com quem tem grana. Uma conhecida namorava um moço que tinha grana, a mãe do menino pressionou a moça pra fazer o aborto, porque a mãe não queria que o filho fosse pai. Ela disse: 'Ou você aborta ou ele vai para os EUA'. Foi um aborto seguro. O aborto é uma questão de classe, o aborto sempre existiu, pros pobres eram as ervas e os riscos" Participante do grupo de Fortaleza.

A maioria das experiências mais próximas nos grupos de Mossoró, Fortaleza e São Paulo teve como método o medicamento (Cytotec / Misoprostol). No grupo da

Tabua e do Arizona, predominaram os relatos envolvendo os chás, e apenas uma participante relatou o uso do Cytotec.

O acesso ao medicamento foi pela compra com pessoas que trabalham em farmácia. Em cada um dos casos as mulheres foram ensinadas sobre como tomar de uma forma diferente, mas todas relataram que não sabiam como iriam se sentir no corpo e o que aconteceria no ao fazer o aborto. O acesso ao Cytotec, entretanto, não é visto como fácil.

“Também o aborto aqui nessa região é bem comum né? A gente tem casos ali na onde que eu moro, que fazem com talo de couve, com talo de mamona, com sonda. Eu, no meu caso, quando eu fiz, quando era nova, eu fiz com sonda, era sonda e um araminho. Eu mesma coloquei e foi assim que fiz o aborto. Mas normalmente é isso. E depois tem os chás também, né? É muito comum usar o chá da espirradeira. Não são todas que tem o Cytotec que é uma coisa cara, muito cara”. Participante do grupo de São Paulo.

“Eu cheguei a dizer a minha mãe que não ia ter, que eu estava decidida, mas eu não consegui ter acesso - que tem pessoas que dizem que é fácil conseguir, mas eu não sabia nada de chá, medicação também não - e eu acho que por isso que hoje eu tenho. Se eu tivesse conseguido, eu teria interrompido.” Participante do grupo do Arizona

“Eu engravidei e não quis levar adiante. Mas eu não tomei garrafada, eu procurei pílula mesmo. Foi bem complicado esse período da minha vida. Foi com meu companheiro que tá comigo até hoje. No momento que aconteceu a gravidez a gente não estava nessa vida de hoje. Mas fui eu sozinha, fui atrás, fui pra Natal e uma colega minha falou que tinha uma farmácia que tinha uma mulher lá que vendia essa pílula. E eu fui lá e procurei, na época acho que era cento e pouco, não sei

quanto era. E aí eu fiz. De início eles não queriam vender, só que aí eu fui lá, disse que a menina tinha indicado, e ela já conhecia essa menina. E aí ela me passou, porque na verdade, você chega lá e é uma farmácia, mas você entra num bequinho e vai lá pra dentro, é uma coisa bem feia, não é legal não onde você procura. (...) E além de mim, eu relato isso assim e não tenho vergonha. Conheço outras pessoas que já aconteceu de fazer, mas não da forma que eu fiz, né? Mas de garrafada mesmo. Já fizeram e não foi só uma vez não”. Participante do grupo da Tabua

A garrafada, conforme relatado pelas mulheres do grupo da Tabua, “é um monte de mato, um deles é a galinha de melão, e com borra de café também que coloca dentro”. Elas contam que a garrafada era/é tomada “antes pra prevenir, e depois pra abortar”. Da mesma forma, o chá da raiz de manjerioba foi/é utilizado por várias:

“Podia namorar hoje, quando fosse amanhã eu já podia tomar o chá. Mas é da raiz”. Participante do grupo da Tabua.

Nas duas comunidades rurais, os chás são muito conhecidos das mulheres. Mesmo mulheres que, como veremos adiante, afirmam ser contrárias ao aborto, contam que conhecem as receitas e sabem fazer. Elas contaram que o chá de espirradeira não é mais tão utilizado, porque tinha muitas complicações para a saúde.

“Eu conheci uma que ficou bem doente. sempre traz consequência. Mesmo sendo natural, é um aborto. Então tem sofrimento, não sei se é o aborto que traz o sofrimento, ou se é porque o remédio é muito forte” Participante do grupo da Tabua

Nesses dois grupos as mulheres contaram que é comum os homens tomarem conhecimento de quando as mulheres fazem aborto, não porque elas compartilham com seus companheiros a experiência, mas em decorrência da divisão sexual do trabalho.

“Porque assim, como as mulheres ficam em casa e a maioria dos chás tão na mata, como os homens que caçam e tem esse contato mais direto com a mata, muitos deles sabem que alguma mulher vai fazer porque é ele que vai pegar a erva na mata. E eles sabem para quem é que serve”. Participante do grupo da Tabua.

Além disso, os homens figuraram nos relatos que envolveram alguma complicação, por possuírem carro, e foram os que levaram as mulheres para o hospital em decorrência de complicações do procedimento.

Em nenhum momento do grupo as participantes foram perguntadas sobre sua opinião sobre o aborto, mas em todos os grupos esse foi um ponto que apareceu facilmente. Em três grupos apareceram com mais força visões contrárias ao aborto e, em dois grupos, a visão de defesa do aborto com a perspectiva de que a decisão tem que ser das mulheres prevaleceu. O fato de que essas posições tenham prevalecido não significa que foram unânimes. Ao contrário, mesmo com algumas falas expressando pouca mediação desde o início, a interação entre elas ao longo da discussão foi respeitosa. Frente a colocações que afirmava o aborto como uma prática criminosa, outras mulheres se sentiram confortáveis para explicitar sua visão em defesa do aborto. Em alguns momentos, mesmo as que se definiam contra o aborto apresentaram mediações, especialmente em decorrência de relatos das experiências de outras participantes.

“Quando eu engravidei, passou um milhão de coisas na minha cabeça, e eu fiquei desesperada, disse a meu companheiro que não queria, de jeito maneira, porque aquilo ali não estava nos meus planos. A atitude dele foi bem bacana, disse o corpo é seu, é você que decide. eu me senti acolhida. (...) A gente

tentou interromper e não deu certo, aí sentou e conversou: já ia pro quarto mês. Ia ser muito arriscado pra mim também. E eu conversei tanto com mãe, que me deu muito conselho 'minha filha, pensa na sua vida primeiro, vai ser uma criança que tá com você, mas eu posso também ficar sem minha filha que é você'. Não é fácil gente [nesse momento a participante se emocionou]. Eu sempre dizia o mesmo que vocês, ah, só pode tirar quando for estupro. Mas quando eu vivenciei, que parecia até que meu mundo realmente não tinha mais sentido, imaginava em terminar meu curso, nem casar estava na minha sequencia... e quando eu me vi, fiquei muito desesperada, fiquei com muita raiva de mim. Eu não tinha raiva do feto, eu tinha raiva de mim mesmo. Como é que eu podia ter feito aquilo [engravado]? Hoje eu entendo as mulheres que acabam fazendo isso [aborto]"

"Você nunca conte isso pra sua filha, ela vai ficar revoltada"

*"Vem de deus. É como ela disse, dos sonhos que ela tinha quando engravidou. Algumas coisas eu acredito que ela teve que deixar porque ia ser mãe. Aí tem gente que tá construindo um sonho pra chegar mais alto e engravida. Aí pensa em tirar para não atrapalhar, **aí tudo bem.**" Grupo do Arizona. (grifo nosso)*

Esse foi um dos diálogos em que uma das participantes demonstrou alguma mediação, ou reflexão diferente do que apresentou no início, a partir do relato de uma das companheiras. O mesmo aconteceu no grupo da Tabua, após o relato de uma das participantes sobre o aborto que realizou, em que uma das mulheres identificou a origem de sua visão contrária na frequência à igreja, e em sua fala já apresentou ambivalências:

“e [mencionando uma participante que relatou ter feito aborto], *me desculpa, porque eu sou contra, e ao mesmo tempo não sou. Porque se você sofre uma violência e vem a engravidar, você tem total direito de fazer isso. Mas é como ela disse, é uma vida. ela vai se sentir culpada, vai. sou de acordo você não tá preparada, seu corpo não tá preparado, você não tem uma estrutura, casa, família, mas ela não pediu, você procurou. Infelizmente aconteceu. Eu sou a favor de que você vá adiante, independente... agora eu acredito*, [mencionando novamente a outra participante], *que é porque eu participo muito da igreja, eu escuto o que o padre, o que o bispo, o que o pessoal, o papa fala. então eu guardo isso*”. Participante do grupo da Tabua.

IV. ENTRE OS SILÊNCIOS, JULGAMENTOS E SOLIDARIEDADE: O ABORTO NAS COMUNIDADES

Os relatos sobre os silêncios da comunidade, e também sobre as experiências que as mulheres já tiveram ou como acreditam que se comportariam caso fossem procuradas por outras mulheres decididas a fazer um aborto nos permitem refletir sobre as duas dimensões do estigma que interessam ao nosso estudo.

Segundo Billings et al (2009), o estigma funciona em um *continuum* que envolve a atribuição de rótulos, de estereótipos, a separação entre grupos de pessoas a partir desses rótulos/estereótipos, criando diferenciações “nós” e um “eles/as”, que leva à discriminação.

Em meio a sociedades nas quais há um forte estigma em torno ao aborto e às mulheres que abortam, o silêncio é uma das estratégias utilizadas pelas mulheres para escapar desse estigma.

“Não, de jeito nenhum, só uma amiga minha. Fiz e acabou-se, pronto. Só tive ajuda dela porque como já tinha quase 3 meses e eu fiz escondido do meu pai e da minha mãe, que depois quase me matam porque fiz aborto, também não contei pra ele não... Até hoje ele não sabe. Minha família também não sabe.”

Participante do grupo de Mossoró.

“Acho que as mães mais jovens até apoiam as filhas, mas apoiam no silêncio. Ninguém vai saber, só eu e você, mais quem tá ajudando. Então a mente ainda continua a mesma.”

Participante do grupo de Mossoró.

O silêncio e a necessidade de esconder o aborto praticado contribuem para a noção de que o aborto é algo errado, e conforme relataram algumas participantes dos grupos, esse foi um dos motivos que contribuiu para os sentimentos de culpa.

“Eu escondi de todo mundo da família. Depois de quatro anos, minha mãe soube, mas ela me apoiou. Quando a gente tem apoio e começa a conversar com outras pessoas que já fizeram você se sente fortalecida. Eu ficava com o meu psicológico tão abalado, que eu me sentia uma criminosa, e aquela questão religiosa mesmo... de 'eu matei uma pessoa'. Quando você vê na mídia dizer 'ah, você vai matar uma pessoa inocente, dentro da sua barriga, indefesa'. Eu sou a favor da legalização, mas não sou a favor que nenhuma mulher faça por conta dessa questão psicológica, que é mais complicada. (...) Depois de quatro anos eu contei pra minha mãe, ele contou pra dele, que não apoiou. Mas enfim, acho que essa pressão psicológica que a gente mesmo guarda é o mais difícil, por conta da sociedade que recria. Você não tem apoio, como procurar um espaço se você tiver algum problema. Porque fazer uma coisa dessas, corre o risco de ter vários problemas de saúde. E você não tem apoio, porque a pessoa que te apoiar também vai correr o risco de ser penalizada. Então é por isso que é importante que

se faça a legalização, pras mulheres terem esse apoio.”

Participante do grupo de Mossoró.

Assim, se por um lado o silêncio contribuiu para o estigma em torno do aborto, por outro as mulheres refletem sobre as implicações do fato do aborto ser considerado crime em nossa sociedade nas experiências concretas das mulheres que decidem abortar. Elas precisam lidar com o sentimento de ser criminosa, de ter “tirado uma vida”, e concretamente, conforme o relato anterior, sobre as implicações de envolver outra pessoa que poderia apoiar, em um crime. Esse relato demonstra como a proibição do aborto e a forma como se constrói e se reforça na sociedade – por exemplo, pelas igrejas – a noção de que se trata de um crime, pode contribuir para a insegurança, o silêncio, a falta de apoio e o sentimento de culpa entre mulheres que abortam nessas condições. Os constrangimentos legais e sociais interferem, portanto, no estigma em torno do aborto.

A percepção geral das mulheres é que, mesmo que algumas pessoas saibam, não se comenta. “*É um tabu*”. O aborto é feito de forma escondida e muitas participantes também comentaram que, quando a comunidade sabe, a mulher recebe muito julgamento.

“Mas é quando acontece um caso que ficam sabendo, é o comentário do meio, sobre aquela menina que fez, não teve vergonha, aquele monte de coisa né, que vem... e até mesmo o pessoal da saúde acho que não tem esse acolhimento até.

Participante do grupo do Arizona

“A gente lida muito com a questão da criminalização do aborto, a mulher que faz isso não presta. Era disso que a gente estava falando. E a discussão é bem anterior a tudo isso aí. A questão é: a mulher, ela tem opção sim de fazer se ela quiser e ela não pode ser vista como menos mulher por conta disso, porque ela não quer ter o filho” Participante do grupo de São Paulo

Um diálogo interessante aconteceu no grupo da Tabua, relacionando os julgamentos que as mulheres enfrentam quando chega ao conhecimento da comunidade que ela praticou o aborto:

“Hoje em dia, a dificuldade é que você fica falada na rua. todo mundo vai falar: namorou, fez o que quis e agora pega o menino e mata? fica o comentário e você fica com vergonha de sair de casa”.

(...)

“É aí que me deixa chateada, porque você fica falada na rua, mas ninguém sabe o que você tá passando, como você tá se sentindo naquele momento. será que você tá preparada pra levar a gravidez adiante? é 'mas você vai matar' 'se não quisesse ter filho então não fosse engravidar'... assim, eu respeito a opinião de cada uma (...) mas é meu corpo também, não vale a pena ser pensado também? é um monte de coisa que vem na minha cabeça, né? eu vou ficar falada, vou. meu nome na rua? vou. mas eu vou viver assim, sem querer esse filho, sem estar preparada, sem tudo, pro resto da vida? Acho que isso não é válido. eu, sou eu que tenho que decidir, se quero ou se eu não quero levar...” Grupo da Tabua

Nas falas das mulheres que expressaram opiniões contrárias ao aborto, a atribuição de rótulos que compõe o estigma do aborto esteve vinculada a construção de noções em torno do feto, de que “é uma vida”, é “criminoso”, “as crianças não tem nada a ver com isso”, são “inocentes”. Por outro lado, as participantes questionam os rótulos que a comunidade atribui às mulheres – que são muito semelhantes aqueles mencionados durante a discussão sobre sexualidade, quando as mulheres “ficam faladas” e são apontadas pela comunidade como alguém que transgrediu as expectativas da feminilidade. Encaixam-se aí relatos sobre situações em que as

mulheres que seriam julgadas caso abortassem e isso fosse conhecido, mas também caso mantivessem a gravidez fora de uma relação estável. Neste ponto, houve questionamento sobre o comportamento dos homens, que “*não querem nem saber*” quando uma mulher com quem eles se relaciona enfrenta uma situação dessas.

“Elas se sentem tão pressionadas porque os cabras dizem, não é meu, te vira! ai a primeira coisa que vem na mente dela é: Meus pais vão descobrir, vão me bota pra fora e oq eu é que eu vou fazer? Aquela gravidez passa a ser um problema pra ela. Porque antes da gravidez acontecer, é 'eu me caso com você', 'você é a mulher da minha vida', depois é 'te vira'!”
Participante do grupo de Fortaleza.

As formas pelas quais as mulheres elaboram e racionalizam a experiência vivida é influenciada pelos discursos hegemônicos dos espaços que frequentam, especialmente o religioso.

Nos grupos da Tabua, do Arizona e de Fortaleza, o discurso religioso apareceu com mais peso, e algumas participantes desde o início colocaram seu pertencimento alguma igreja como parte da sua visão sobre a questão.

“Porque a questão do aborto é igual de você... não sei se a palavra correta é de gênero, de homem casar com homem, mulher com mulher, tá liberado, pode. Se você se sente bem, beleza. Mas eu também não concordo. Porque quando deus fez Adão, não fez Adão e Adão, fez Adão e Eva. entendeu? Eu penso assim. Mas não é por isso que, se eu vir um casal, vou discriminar, jamais. Seja muito bem vindo, vou ouvir sua conversa. Se vier acontecer na minha família, tá tudo certo. Agora, a minha opinião é outra.” Participante do grupo da Tabua

Entretanto, a religião, apesar de informar os discursos sobre o aborto, não foi impedimento ao longo da vida para que as mulheres fizessem o aborto, como tem mostrado, aliás, as pesquisas sobre o aborto no Brasil.

*“Assim, eu tenho 70 anos, quando jovem fiz aborto, me arrependo amargamente. Eu não sou muito a favor, assim, de evitar sim, mas de fazer aborto, hoje na minha concepção não acho certo. Criança é coisa de deus e isso acontece [gravidez] é porque deus permite, e eu acho que errei demais quando fiz isso, **mas eu fiz**”.* Participante do grupo de Fortaleza

“Quando a gente decide, apesar de tudo, o medo é muito grande, pela vida, pela nossa vida. (...) Eu pensava muito assim, de medo de acontecer algo comigo, meus filhos eram muito pequenos. mas também, eu tenho isso comigo: tudo que eu vou fazer, com medo ou sem, que seja errado pra você, mas que eu acho que é certo, eu sempre peço muita orientação a deus. se for pra mim fazer, que seja com a permissão dele. Que não prejudique mais ainda, e a meus filhos. Eu acredito muito nisso.” Participante do grupo de Mossoró

Essa fala chama a atenção tanto para a relação que as mulheres estabelecem com a fé, como também lança luz para uma dimensão central na defesa feminista do aborto. Ainda que muitos discursos construam a ideia de que as mulheres que abortam são “irresponsáveis”, a decisão por fazer um aborto envolve muita responsabilidade, pelo menos por dois aspectos. O primeiro é que as mulheres tomam para si as rédeas das suas vidas, definindo sobre um fato – a maternidade – que estão conscientes e sabem que é para toda a vida, diferente do comportamento dos homens. Praticar essa autonomia, em sociedades tão marcadas pelas relações patriarcais, envolve a possibilidade de lidar com uma série de constrangimentos sociais. E, além disso, o segundo aspecto é a noção de responsabilidade demonstrada por mulheres que, ao mesmo tempo em que definem pelo

aborto, se preocupam com os riscos e com as consequências dos mesmos para as pessoas das quais elas são responsáveis pelo cuidado⁹.

Entre as mulheres que expressaram visões contrárias ao aborto, algumas afirmaram que se alguém viesse pedir ajuda, diriam que ajudariam a criar, mas tentariam convencer que não fizessem o aborto.

“De jeito nenhum, não ajudo. Ajudo a criar o filho no que eu puder.” Participante do grupo de Fortaleza.

“Eu escutaria, explicaria o que ia acontecer e também o benefício de ser mãe, explicaria os riscos e também diria que esse filho poderia ser uma companhia, mas não poderia dizer o que ela tinha que fazer, isso é dela” Participante do grupo de Fortaleza.

Outras apresentavam mediações relacionadas aos casos de violência, estupro.

“É complicado. Eu sou a favor de aborto em caso de estupro. Mas quando alguém engravida e não quer aceitar, é como aconteceu comigo... Eu achava tão estranho, eu pegava ela e achava tão estranho que aquilo ali tinha saído de dentro de mim... eu não sei definir o que é que se passava”. Participante do grupo de Fortaleza.

Outras, afirmaram que não tentariam impedir, mas também não ajudariam.

“Tudo bem, quando a mulher engravida e tem a consciência de querer fazer isso, tudo bem, é problema dela. Mas se ela vier pra mim e pedir ajuda, eu diria: não conte comigo. Se você

9 Flavia Biroli (2017) apresenta uma discussão interessante sobre autonomia e a ética do cuidado que envolve as decisões das mulheres sobre o aborto.

quiser, faça por conta própria. Eu mesmo não aconselho e nem ajudo. Pelo amor de deus, é uma vida”

(...)

“Eu dizia não, porque já vieram para mim. Porque eu sei fazer o remédio, chá. Eu disse que não fazia”.

“Eu aceito, só não sei fazer o remédio. Mas tentaria ajudar” Essa foi a afirmação de uma mulher jovem participante do grupo Arizona, e a essa afirmação, seguiu-se o comentário da mãe desta participante: *“Ajudou, fica culpada igual ela. É meio criminoso”.*

No grupo da Tabua, após uma sequência de falas contrárias ao aborto, muito baseadas no discurso religioso, uma participante jovem, se emocionou muito ao dizer *“Eu tenho tanto medo de engravidar, porque se eu engravidar, eu vou tirar”.* Ela encontrou solidariedade imediata de outras participantes, que fazem parte da mesma associação e compreenderam o sentido desta colocação, relacionada com um relacionamento abusivo em que essa jovem está envolvida. Nos outros grupos, também apareceu uma postura compreensiva das mulheres frente a outras que vivem relacionamentos abusivos, com as participantes afirmando que é preciso entender o que aquela mulher está passando.

Os relatos das mulheres – especialmente mais velhas - sobre as experiências que tiveram de busca por apoio expressam as sínteses que muitas fazem entre o discurso religioso – contrárias ao aborto – e a solidariedade e apoio à decisão das mulheres.

“Tipo: me procuram, eu quero fazer isso... aborto, quero abortar o que você acha? eu respondo, eu não acho nada, o corpo é seu, com quem vc transou? Não foi com o dedo, dedo não gera nada. Mas ele não quer tia. Me ajuda pelo amor de deus. E eu digo: não bote deus nessa história, quando você foi transar você nem pensou em deus. O corpo é seu, então você vai pra casa, pense, medite e se você ver e sua consciência e se você tiver apta a abortar, aborte!”. Participante do grupo de Fortaleza.

Em dois grupos nos quais a visão de defesa do aborto foi mais forte, de que não é uma decisão fácil, que não se deve julgar e sim acolher. E de que o apoio é fundamental para que o aborto seja mais fácil.

“Eu tive muito apoio de uma amiga minha. Não foi ela que me ajudou, mas ela me apoiou muito, ela não tinha como ajudar. Mas ela disse “se você quiser levar a gravidez pra frente, eu apoio. Se você quiser abortar, eu apoio também. vai depender de você”. Esse apoio é muito importante. Porque você já vai fazer isso com um peso na consciência, e tendo uma pessoa pra reforçar o peso, aí dificulta mais. Eu ajudaria também tranquilamente, a decidir, a dizer que a decisão é dela, que não sou eu que vou dizer. O que decidir tá apoiado”. Participante do grupo de Mossoró.

A perspectiva de que a decisão sobre o aborto tem que ser das mulheres foi majoritária nos grupos, sendo que em algumas falas a relação com os homens foi considerada positivamente

“Depende muito da relação. Se a relação é legal, o companheiro deve saber, porque é dele também. Mas se ela quiser, a decisão é dela.” Participante do grupo de Mossoró.

“A partir do momento que ela não quiser, que ela não souber o que é ser mãe, que ela tem o direito.” Participante do grupo de Fortaleza.

Algumas mulheres, afirmaram, ainda, que se fossem procuradas, conversariam com a pessoa e apoiariam, aceitariam, inclusive compartilhariam a culpa perante a sociedade, conscientes do julgamento e criminalização social do aborto.

“Eu perguntava se é realmente é a decisão, pra depois dizer que então a culpa é de nós duas” Participante do grupo de Mossoró.

“Eu concordo com o que ela diz, eu também perguntaria se essa é a sua decisão, mas não tenho nenhuma duvida de que depois, se a sociedade souber, é dividido pra mim e pra ela. Eu apoio. Mas quando a sociedade souber, eu também vou ser culpada”. Participante do grupo de Mossoró.

É importante ressaltar que, apesar dessa compreensão sobre o compartilhamento da culpa atribuída socialmente às mulheres que abortam, não apareceu nos relatos das participantes a questão da criminalização decorrentes do aborto. Elas não relataram conhecimento de casos concretos, e quando utilizaram o termo criminalização esteve vinculado ao julgamento social sobre o aborto.

AS VOZES SOBRE O ABORTO NAS COMUNIDADES

Nas comunidades em que os grupos foram realizados, não se trata abertamente do aborto. Quando esse tema é pautado, é na perspectiva contrária ao direito.

“Se não fala de prevenção, vai falar de aborto? Não vai, mas eu acho que o que mais eu tenho observado é mais esse teor religioso, moral, né, muito disso.” Participante do grupo de São Paulo.

“Não se fala muito sobre isso. É muito escondido. Elas tentam o clandestino, as jovens tentam, mas não se fala. (...) Nos

territórios que trabalhamos tem muito, mas ninguém comenta.” Participante do grupo de Fortaleza.

“Mas os comentários sempre são contra. A palavra é 'sem futuro', a menor palavra que a mulher recebe é essa.”

Participante do grupo da Tabua.

A avaliação das mulheres, em todos os grupos, é de que o aborto é abordado principalmente pelas diferentes igrejas, que organizam um discurso contrário ao aborto de forma geral, ainda que tenham diferenças entre cada denominação. Muitas das participantes, inclusive, como já foi mostrado, têm elementos da visão das igrejas incorporados em suas visões sobre o aborto.

“A igreja fala, não com tanta frequência, mas fala. E eu vejo muito por esse lado, é um ser humano, independente de qualquer coisa, é um ser humano indefeso, que não é justo: você brincou, farreou, fez o que quis, e quem vai pagar as consequências vai ser aquela vida? Acho injusto, é meu ponto de vista. Eu penso assim, com essas palavras. Eles [os padres] comentam de outra forma, mas eles também não apoiam, mas com toda uma justificativa.” Participante do grupo da Tabua

“O que a igreja pensa é exatamente assim, porque ela diz: 'e a minha vida?' Mas e a dele [do feto]?, não é uma vida não? Que não procurou, não fez nada.” Participante do grupo da Tabua.

As visões apresentadas pelas mulheres, e os discursos que diferentes igrejas mobilizam na disputa em torno do aborto, nos convida a refletir. Enquanto nos relatos dos grupos é muito marcada a ênfase no fato de que a vida que está em questão é a do feto, nos espaços de debate sobre o aborto que ganham repercussão em Brasília tem sido percebido um deslocamento dessa visão. Isso porque, em parte, o feminismo conseguiu

fazer um enfrentamento a esses setores, os identificando como “pró-morte” das mulheres, ou seja, que não se importam com a vida das mulheres especialmente negras e pobres que morrem em decorrência do aborto inseguro. Em parte, também, porque as mulheres compõem a base de fiéis das igrejas, esses setores passaram a amenizar o discurso, apontando que o aborto tem consequências para a saúde das mulheres, não só físicas como também psicológicas – esse aspecto é muito presente nas falas das mulheres dos grupos. Ou seja, há uma readequação do discurso religioso que procura, em certa medida, ser apresentado como defensor das mulheres, especialmente das mulheres pobres. O discurso se desloca de um ataque as mulheres – como se elas atentassem contra a vida (potencial) do feto – para uma pretensa proteção das mulheres, como se as mulheres não decidissem de forma autônoma pelo aborto, e que estariam sendo levadas ao aborto por influência de outros atores sociais (como o feminismo). Essa mudança pode estar vinculada à disputa de fiéis, mas colado a esse discurso, está uma prática ativa para punir todas as práticas de aborto – retrocedendo inclusive nos casos previstos em lei. De acordo com Biroli (2017), as diferentes denominações religiosas têm matizes em seus discursos sobre o aborto, mas convergem na defesa da família. Essa autora questiona outro ponto em comum é que as mulheres não “são tomadas como indivíduos que têm perspectivas e interesses singulares e distintos daqueles que se atribui ao feto” (Biroli, 2017, p. 21).

Mesmo que as participantes dos grupos tenham identificado a defesa da vida do feto como motor do argumento religioso, e ainda que elas incorporem essa dimensão em algumas falas sobre o aborto, elas não atacam as mulheres que abortam no sentido de rotulá-las como assassinas, e como já foi exposto, apresentam mediações.

No contexto de reação patriarcal¹⁰ que vive o Brasil, as discussões sobre diversidade sexual e igualdade de gênero nas escolas tem sido questionada por setores conservadores. Além das disputas que tem lugar no poder legislativo, em projetos como Escola Sem Partido, ou na disputa em torno dos conteúdos de gênero nos planos de educação, em âmbito local também existem reações a esses debates, provenientes muitas vezes da própria comunidade. Chamam a atenção os relatos dos grupos da Tabua

10 “Reação patriarcal contra a vida das mulheres: debates feministas sobre conservadorismo, corpo e trabalho” (SOF, 2016) disponível em: <http://www.sof.org.br/2017/02/02/reacao-patriarcal-contra-a-vida-das-mulheres-debates-feministas-sobre-conservadorismo-corpo-e-trabalho/>

e do Arizona sobre as reações nas comunidades às tentativas de realizar a discussão sobre corpo e sobre sexualidade.

Na comunidade da Tabua, o companheiro de uma das participantes é professor, e foi denunciado por utilizar um livro em sala de aula do quinto ano, apresentando a discussão sobre as mudanças no corpo nas diferentes fases da vida. Segundo ela, as mães e os pais questionaram por entender que estavam incitando a sexualidade nos e nas adolescentes.

“Disseram que ele estava falando putaria na escola, que a menina só tinha 12 anos e não podia escutar isso, sendo que a filha já andava até namorando. Mas acabou que na reunião a secretária de educação veio e explicou que era assunto de livro e todo mundo devia saber sobre aquilo (...) inclusive minha irmã criticou a questão de falar sobre sexo na escola. ela acha que se o filho tem que saber, é pelos pais, não pelo povo da rua. Então eu digo com propriedade, na escola não é falado”
Participante do grupo da Tabua.

“Muitos não participavam [de um programa na escola] porque aquilo ali não pode, porque ou é de uma igreja, ou é de outra. Então essas coisas eu acho assim, pra falar sobre o aborto acho que tem que ser uma coisa mais ampla. Hoje como a menina disse, é travado. Se você for falar, a igreja não permite, as que eu conheço, nenhuma permite. E assim, falar em associação, a gente mesmo entre nós nunca comentou. quando a gente ouve falar é quando a gente participa de reuniões assim.” Participante do grupo da Tabua.

Já no grupo do Arizona, o relato foi sobre a reação extremamente negativa das mulheres quando uma equipe de assistência técnica do Incra, junto com uma equipe de saúde, foi realizar com as adolescentes e mães oficinas sobre prevenção.

“Teve algumas que vieram, quando chegou aqui, que estavam ensinando como prevenir, o jeito de colocar camisinha do homem, da mulher, só teve essa vez, porque as mães disseram que não iam deixar as filhas irem, porque estavam vindo de Natal pra cá, ensinando como era que as meninas iam ter relação sexual?” Participante do grupo do Arizona

Como a maioria das mulheres participantes dos grupos integram associações, elas também refletiram sobre a forma como a questão do aborto aparece nesse espaço. Nas falas, elas destacaram o fato de que as associações são mistas – compostas por homens e mulheres – e que essa participação masculina é vista como mais um obstáculo para que essa questão não seja abordada.

“A questão do aborto é muito difícil de ser discutida. A gente discute aqui porque tem abertura, mas não pode levar uma temática lá pra rua, ou uma reunião com homem, porque vai ser discriminada até mesmo por discutir.” Participante do grupo de Mossoró.

“A gente não consegue por uma temática dessa numa associação, discutir isso dentro, nos espaços mistos do rural. Aqui é muito bom. Mas nos espaços que a gente mora, a culpa é toda nossa.” Participante do grupo de Mossoró.

Além disso, elas também se referem a religiosidade do conjunto das pessoas (incluindo as mulheres) que integram a associação. Algumas mulheres destacam a influência dos discursos religiosos não apenas na fala das pessoas, mas também na intimidação que gera nos outros.

“Na nossa associação, participa muita mulher evangélica, e a gente sabe que os evangélicos são piores ainda que os católicos. Qualquer coisinha deus vai lhe mandar diretamente para ‘lá’. Então quando a gente tá querendo uma discussão mais assim, pode ser o tema do aborto, ou da separação [divórcio], dizem logo assim ‘vai ficar pior do que tá’, ‘ruim sem ele, pior sem ele’, ‘não faça isso, porque você vai matar uma criança e vai direto para o inferno’. A gente não fala porque é o medo que a gente tem de chegar uma pessoa e te mandar para o inferno, a gente já fica com aquele receio, medo, e ninguém fala mais nada”. Participante do grupo de Mossoró

Mais uma vez, a relação entre o comportamento afetivo-sexual das mulheres aparece muito relacionado com os estereótipos e visões negativas sobre o aborto.

Em todos os grupos, inclusive naqueles onde as mulheres apresentaram mais ressalvas com relação ao aborto, esteve presente a ideia de que deveria haver um amparo maior para as mulheres que querem fazer aborto, não apenas na lei, mas em toda a política de saúde. Essa visão também esteve muito relacionada com a discussão inicial sobre a sexualidade, o acesso à informação, na qual se destaca sobretudo a preocupação com as adolescentes.

“Tipo assim, a gente não é bem assistida na sociedade, não tem programas pra ser educada pra saber o que é um aborto, como se faz, ou não se sabe como cuidar de uma criança. E quando a pessoa não quer, aí tem pressão dos pais, da família, do parceiro ou de não ter um parceiro... Eu acho que precisa que precisa de um diálogo, e hoje em dia tenho várias amigas que passaram pelo mesmo, que não queriam filhos.” Participante do grupo de Fortaleza.

“Eu fico imaginando assim, que poderia ter outros métodos pra mulher que não quiser levar a gravidez adiante e não chegar a esse ponto, né? De ir pra uma favela procurar [o remédio]. Acho que isso é o básico que poderia ter, que o governo poderia facilitar né? A mulher de uma comunidade rural, que é mais pobre, não poderia chegar a esse ponto.”

Participante do grupo da Tabua

A fala das mulheres que atuam na área da saúde também trouxe reflexões sobre o acolhimento e o amparo, que segundo a percepção delas, está longe de se efetivar nas práticas cotidianas de profissionais da saúde. Especialmente em São Paulo, houve o relato de que não estão preparadas para lidar com o tema do aborto, e de que o pouco acesso a informação que se tem é sobre os casos de aborto previsto em lei. O estigma entre os provedores de serviços de saúde fica evidente nos relatos das mulheres, que identificam suas expressões especialmente entre os médicos.

“Mesmo no caso legalizado, há médicos que optam por não fazer por ter apelidos, por eles serem taxados como 'ó, o cara que tirou a criança', 'o médico que tirou a criança da mulher', mesmo sendo legal. E a gente sabe que assim, a área da saúde deveria servir pra cuidar da saúde e não pra julgar. Mas existem muitos casos de situações de mulheres que tem medo, até mesmo de achar que vai ser presa, apesar do código de ética não permitir, né? Mas infelizmente já aconteceu alguns casos da mulher estar lá sangrando e chega a polícia e aí as mulheres acabam sabendo. Mas eu acho que deveria ter uma legalização do aborto, aqui no Brasil, pra poder melhorar as condições de vida. E com essa legalização eu acho que ia implantar também a forma da mulher estar se cuidando, se prevenindo muito mais do que a gente aprende. Fazer um trabalho antes da mulher engravidar, mas se eventualmente ela engravida, eu acho que deveria ter pra que ela não morresse.”

Participante do grupo de São Paulo

É interessante ressaltar o fato de que, ainda que a igreja seja um ator social identificado como impulsor/propagador do estigma sobre o aborto, é no setor de saúde que encontramos as práticas de pressão, perseguição e até criminalização das mulheres. Uma pesquisa da UFMG, por exemplo, apontou que profissionais da saúde são mais conservadores que o conjunto da população não só na questão do aborto, mas no conjunto das questões relacionadas às mulheres.

Nas associações em que as mulheres participam, a discussão sobre o aborto nunca apareceu. Algumas poucas já haviam tido contato com esse debate em espaços do movimento de mulheres em âmbito nacional, como os encontros e ações da Marcha Mundial das Mulheres e a Marcha das Margaridas.

“Aí depois que eu comecei a participar mesmo dos debates sobre aborto, essas coisas, aí hoje eu incentivo se precisar.”

Participante do grupo de Mossoró.

No grupo do Arizona, uma das mulheres que ao longo de todo o grupo apresentou visões muito rígidas contrárias ao aborto, no momento em que a discussão girou em torno dos debates sobre o direito ao aborto nas associações e movimentos, afirmou que *“Hoje o povo, as mulheres, lutam por isso, né? **E tudo bem**”*.

Muitas das mulheres expressaram a compreensão de que a participação nos movimentos e associações *“abre a cabeça”* para pensar coisas que antes não tinham pensado, ver as coisas de outra forma. *“Quando a gente fica só em casa, fica com a cabeça muito fechada”*. E também que a partir da participação vão assumindo - em casa e na comunidade - mais responsabilidade de conversar com as outras mulheres.

“É importante pra que a gente venha a educar melhor nossas filhas, porque cada uma tem sua religião, mas nós somos mulheres. e nossas filhas, vizinhas, elas sofrem. Precisa abrir a mente”. Participante do grupo da Tabua.

V. ALINHAVANDO REFLEXÕES, PISTAS E DESAFIOS PARA A LUTA

A proposta de realizar essa discussão em grupos de comunidades em que as mulheres tem relação com o movimento social foi motivada pelo objetivo de conhecer mais as vivências e visões das mulheres, mas especialmente de que esse momento de reflexão coletiva pudesse impulsionar outros processos no movimento. Por isso, iniciamos a última parte desse texto com as avaliações das mulheres sobre como foi para elas ter participado no grupo.

Foi comum a avaliação, entre as mulheres, de que esse foi um espaço interessante e diferente, porque não é comum falar sobre esses assuntos. Algumas disseram que até conversam de vez em quando sobre esses assuntos quando estão fazendo atividades do grupo produtivo, mas que tinha sido a primeira vez que participaram de uma discussão organizada sobre essas questões.

“Eu acho que foi diferente, porque são perguntas que normalmente não são feitas no nosso dia a dia. É muito difícil alguém perguntar se conhece alguém que abortou, o que diria. Ninguém pergunta isso pra gente. E pensar na sexualidade, como era, como a gente sentia. Foi diferente, não tem isso no dia a dia não.” Participante do grupo do Arizona

“Achei legal que juntou os debates, porque se fala da culpa das mulheres que abortaram, mas não fala da culpa das mães”
Participante do grupo de São Paulo

“Eu tenho 33 anos quase e nunca escutei tanta coisa. Muito interessante”. Participante do grupo da Tabua.

Ao final do grupo de Mossoró, as mulheres discutiram sobre como levariam essa discussão para as associações, uma vez que consideram que o debate sobre o aborto é importante, mas que nunca haviam realizado nenhum espaço de discussão sobre o tema em suas associações.

No grupo da Tabua, ao final, as mulheres discutiram alguns encaminhamentos vinculados tanto a organização de espaços específicos para a discussão entre as mulheres, como sobre uma das preocupações que elas avaliam ser central nesse momento, relacionando a questão da sexualidade com a violência.

No grupo de São Paulo, a preocupação com as adolescentes também foi muito presente, e as mulheres refletiram sobre as possibilidades de realizar grupos sobre o tema com as jovens, uma vez que tem acesso a esse espaço pela atuação na área da saúde.

No grupo de Fortaleza, algumas mulheres trouxeram com mais força a necessidade de envolver mais mulheres na discussão, como parte do movimento e no sentido de pautar o debate sobre o aborto em âmbito local.

“Nós queremos que esse tabu acabe”

“Temos que trazer mais mulheres para o movimento” Grupo de Fortaleza

AUTO-ORGANIZAÇÃO E AUTONOMIA DAS MULHERES

A realização dos grupos nessas comunidades demonstrou que a questão do aborto em particular, e da sexualidade em geral, não tem sido uma pauta cotidiana, inclusive da atuação do movimento de mulheres nesses locais. O contato das mulheres com o tema se dá mais a partir das experiências próprias e de conhecidas, e são elaboradas em meio aos julgamentos, contradições, relações e condições concretas em que viveram. Já o contato com essa discussão na perspectiva do direito das mulheres ao aborto e a autonomia se dá a partir da participação em espaços nacionais do movimento feminista, com destaque para a Marcha Mundial das Mulheres e a Marcha das Margaridas, mas também em Conferências de Políticas para as Mulheres.

Por outro lado, o estudo revelou que, entre as mulheres que participam de processos coletivos – de organização produtiva, associações e movimento social -, há em suas falas a reflexão que conecta a discussão do aborto sobre outras relativas à autonomia e liberdade das mulheres. Destacamos dois elementos sobre esse aspecto. O primeiro é a auto-organização das mulheres como uma estratégia fundamental para avançar nesses debates, por permitir espaços em que as mulheres se sintam seguras e confortáveis para se expressar, sobre temas que não são considerados relevantes em outros espaços, mas também por organizar politicamente a atuação coletiva das mulheres. Ligada a essa, a segunda é o reforço da necessidade de articular as dimensões da autonomia das mulheres, de forma que a partir das experiências de organização para a conquista de autonomia econômica, por exemplo, se possa ampliar a reflexão e articular com as outras dimensões da autonomia, pessoal, política. A compreensão das participantes sobre autonomia das mulheres se expressou, sobretudo, na afirmação de que são as mulheres que devem decidir sobre levar adiante a gravidez ou realizar o aborto.

A participação em processos de auto-organização e no movimento social contribui para ampliar a solidariedade entre as mulheres e reconhecer mecanismos pelos quais a opressão das mulheres se estrutura, e através dos quais o estigma sobre as mulheres em geral, e sobre o aborto em particular, se reproduz. Nesse sentido, as mulheres refletiram sobre os sentimentos de culpa e arrependimento vinculados ao aborto, mas também questionam o fato de que as mulheres sempre se sentem culpadas por tudo, quando tem filho, quando não tem. Questionam, ainda, o julgamento permanente sobre o comportamento e a vida das mulheres, e esse julgamento também aparece como mecanismo e expressão do estigma em torno do aborto.

No mesmo sentido, entendendo que o silêncio imposto ao aborto – como prática e como direito reivindicado - é um dos mecanismos de manutenção e reforço do estigma, abordar o tema publicamente e politicamente nos espaços de organização das mulheres e do movimento social em geral se apresenta como uma estratégia importante para enfrentar a discriminação.

Os relatos das mulheres que fizeram o aborto, sobretudo das questões que pensaram no momento, sobre o que sentiram, contribuíram bastante para a reflexão

coletiva, e para romper na prática com esse silêncio imposto. Mesmo que algumas afirmassem fortemente serem contrárias à prática do aborto, os grupos foram marcado por muito respeito, compreensão e companheirismo.

A percepção delas é que muita coisa mudou na vida das mulheres, que no tema da sexualidade e da prevenção está mais fácil hoje, mas o relato das jovens demonstra também as permanências das repressões, imposições e dificuldades, e trazem ainda as desigualdades com relação aos homens. Isso reforça a ideia de a questão do aborto precisa ser abordada em conjunto com a discussão mais geral sobre a autonomia das mulheres. Ilumina também o desafio de ampliar os debates e reflexões feministas sobre o corpo e sexualidade para além dos meios em que essa discussão tem repercutido de maneira mais fluída.

ESTRATÉGIAS E ALIANÇAS PARA A LUTA PELA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO

Esse texto não apresenta respostas, mas pistas e desafios para a luta feminista pela legalização do aborto.

O movimento feminista tem atuado contra uma forte ofensiva conservadora que tem uma estratégia nacional, com um trabalho de base por meio das igrejas, espalhadas em todos os cantos do país. Os relatos das mulheres evidenciam essa presença constante – sempre que o referencial de culpa e crime apareceu nas falas, a igreja foi citada. Tal estratégia se desdobra, ainda, em encontros estaduais desses setores, frentes organizadas nas diferentes esferas do poder legislativo, nas quais apresentam projetos de leis com os mesmos conteúdos e sentidos de restrição do direito ao aborto. Essa estratégia avança sobre parlamentares dos diferentes espectros políticos, inclusive da esquerda, e se utiliza de chantagens nos períodos eleitorais (BIROLI et al, 2016).

Tendo o poder legislativo e as igrejas como centros difusores dessa estratégia nacional contra os direitos das mulheres, a fala pública sobre o aborto no Brasil é cada vez mais representada por homens brancos, em geral deputados evangélicos e católicos, padres. Cada vez menos as mulheres são ouvidas, e as poucas que se expõem são cada vez mais constrangidas.

O deslocamento da reflexão do cenário das disputas no legislativo, para uma reflexão a partir das visões e vivências de mulheres rurais e de periferias urbanas, carrega consigo a urgência de se fazer um balanço crítico sobre as estratégias de luta pelo aborto no Brasil. Esse balanço implica questionar visões de que é possível aprovar o direito ao aborto sem discutir muito, com estratégias que prescindam da força das mulheres trabalhadoras e dos setores populares.

Desde as reflexões coletivas realizadas na SOF e na oficina nacional, um desafio identificado é a articulação permanente da centralidade da defesa da autonomia das mulheres com uma estratégia que se guie pela ampla mobilização. Isso porque a busca por ampliar o direito ao aborto – e alcançar sua legalização – por meios legislativos e jurídicos sem uma massificação da discussão desde as mulheres dos setores populares, é extremamente limitada não apenas para garantir a correlação de forças necessária para a legalização como também para garantir que o direito ao aborto – uma vez legalizado – seja de fato implementado e altere/reduza/acabe com o estigma.

Essa discussão está diretamente relacionada como momento político vivido no Brasil, em que a reação patriarcal e o conservadorismo, no tema do aborto, tem significado um aumento da criminalização das mulheres, conforme demonstrado pelo mapeamento realizado pela SOF¹¹. O avanço desse conservadorismo se verifica, nas comunidades, no controle dos debates realizados em espaços como as escolas, e também na área da saúde. O desafio está, ainda, de articular a luta pelo direito ao aborto com a defesa da saúde pública, uma vez que o Programa Saúde da Família foi a política pública mencionada em todos os grupos, como exemplo de por onde chega alguma informação e acesso a métodos contraceptivos nas comunidades rurais. Mas, novamente, é fundamental articular a defesa da saúde pública com o questionamento à orientação política de controle da reprodução para as mulheres mais pobres, via a imposição de medicamentos e métodos para mulheres em situação de vulnerabilidade, sem que se articulem diálogos amplos sobre corpo e sexualidade, e com a ampliação da autonomia das mulheres – inclusive para ter possibilidade de decidir sobre qual método utilizar, e para que os homens também assumam responsabilidade na prevenção de doenças e da gravidez. É preciso refletir, portanto, sobre as distâncias entre os discursos

11 Mapeamento sobre o quantitativo de mulheres criminalizadas pelo auto-aborto (art. 124 do Código Penal), organizado pela SOF com o apoio do Inroads.

de liberdade sexual para as mulheres de classe média e o controle sobre as mulheres mais pobres.

É evidente nos discursos conservadores contra o aborto, a articulação da defesa de um ideal de família heteronormativo e baseado na divisão sexual do trabalho, do julgamento moral sobre a sexualidade das mulheres e, enfim, da negação da autonomia das mulheres. E, como vimos ao refletir sobre o aborto entre as mulheres rurais e de periferias urbanas, essa visão está muito enraizada nas comunidades. A questão do aborto precisa ser mais politizada, não reduzida a uma experiência individual como se fosse desvinculada de processos coletivos e sociais. Mais do que a afirmação de discursos feministas “*meu corpo, eu que decido*”, compreendemos a necessidade de se realizar um processo amplo de formação e educação popular que paute essas questões a partir do feminismo, da afirmação da autonomia das mulheres, que reconheça as relações de poder e enfrente as contradições vivenciadas pelas mulheres no cotidiano das batalhas para que o corpo/vida sejam de fato seus.

A luta pelo direito ao aborto – e a reação aos direitos das mulheres – continua acontecendo no contexto de golpe, e mais uma vez coloca para o feminismo o desafio de articular essa reivindicação com a disputa mais geral em curso na sociedade, sobretudo para recuperar a democracia. Em alguma medida, as conexões entre essa agenda feminista e o conjunto da luta social são mais evidentes hoje, já que o acirramento dos discursos e práticas reacionárias, tem bases explicitamente racistas e patriarcais.

Efetivamente, não é o momento da disputa legislativa sobre o aborto, mas especialmente por ser um momento de intenso debate sobre os rumos da esquerda, afirmamos que o feminismo, a autonomia e a liberdade precisam ser para todas as mulheres. Esse pressuposto é central para as alianças pela legalização do aborto, mas também é um pressuposto para qualquer projeto que afirme um horizonte de justiça e igualdade, e que lute por ele.

Referências bibliográficas

BILLINGS, Deborah; CLARK, Kathryn; HESSINI, Leila. *Focus group guide for exploring abortion-related stigma*. Chapel Hill, NC: Ipas, 2009.

BIROLI, Flávia. “Aborto, justiça e autonomia”. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs) *Aborto e democracia*. São Paulo: Alameda, 2016.

BIROLI, Flávia; MARIANO, Rayani; MIGUEL, Luis Felipe. “O debate sobre aborto na Câmara dos Deputados, de 1990 a 2014”. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs) *Aborto e democracia*. São Paulo: Alameda, 2016.

DINIZ, Débora; MEDEIROS, Marcelo; MADEIRO, Alberto. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. *Ciência e Saúde Coletiva*, vol.22, n.2, pp.653-660. 2017.

FARIA, Nalu; MORENO, Tica; VITÓRIA, Carla. *Reação patriarcal contra a vida das mulheres – debates feministas sobre conservadorismo, corpo e trabalho*. São Paulo: 2016.

FRENTE NACIONAL CONTRA A CRIMINALIZAÇÃO DAS MULHERES E PELA LEGALIZAÇÃO DO ABORTO. *Criminalização das mulheres pela prática do aborto no Brasil: dossiê 2007-2014*. São Paulo: 2015. Disponível em: <https://frentelegalizacaoaborto.files.wordpress.com/2016/09/dossiecc82-frente-contra-a-criminaizacca7acc83o-das-mulheres.pdf>

KUMAR, Anuradha; HESSINI, Leilah; MITCHELL, Ellen. “Conceptualising abortion stigma”. *Culture, Health & Sexuality*, vol.11, n.6, pp.625-639. 2009.

LOPES, Bárbara; MARTINS, Jéssika; MORENO, Tica (Orgs). *Somos todas clandestinas*. São Paulo: SOF, 2016.